

QUINTA-FEIRA
Lisboa--13 de Agosto de 1931

5 TOSTÕES

6.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

273



sempre
fixe semanario
humorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. 20271, 20272, 20273
RUA DA ROSA, 57

A Rainha das Costureiras



A propaganda do Concurso das Costureiras esplendidamente «alçavada» por Erico Braga e Felix Correia, cheios de entusiasmo, cobertos de gentilezas e de pó das estradas de Portugal inteiro. A beleza e a virtude das humildes raparigas vão ser coreadas no sensacional concurso, e os riquíssimos prémios lhes permitirão talvez o abandono da agulha, por ficarem com um pechinço para os seus alfinetes.



Os ditos da semana



Um incendio Ha coisas tão estrambolicas que só podem acontecer em Stambul. Rscortamos dos jornais

STAMBUL, 5.—A's 13 horas, rebentou um grave incendio no bairro Teiffé-Bakal, nas alturas de Pera. Umaz trinta casas de madeira fóram á consumidas pelo fogo, ao passo que outras se desmoronaram. O vento vai multiplicando os focos do incendio. A população está evacuando as cercanias. A's 15 h. o sinistro continuava violentissimo. -- (H.).

A's 13 horas rebentou um incendio nas alturas de Pera. Escusado sera dizer que um minuto depois, os vizinhos já tinham posto as barbas de molho, nem o caso era para menos, visto que já viam a Pera do vizinho a arder.

30 casas foram instantaneamente devoradas pelo fogo, ao passo que outras, tomadas de panico, se foram abaixo das pernas, mesmo sem o fogo as ter atingido, segundo parece.

O vento, que pelos modos em Stambul maneja admiravelmente a taboada, ia multiplicando os incendios e, nas cercanias, a população apavorada, ia evacuando, o que de resto, aconteceria em qualquer outra parte do mundo.

As praias Quem fór por essa linha de Cascais a baixo, convence se num momento, de que o progresso entrou definitivamente em Portugal. E' tudo como lá fóra, melhor do que lá fóra. Custou mas arrecadou.

O panorama que se destruta é realmente encantador. O pudor já fez a sua epoca. Regressamos ao Paraiso. A folha de parra dos antigos é um lato de abafar, comparado com um lato de banho do nosso tempo. A parra tinha o condão de tapar, ao contrario do lato de banho que tem a virtude de descobrir as belezas dos dois hemisferios, ou, se o leitor quizer, os dois hemisferios das belezas.

O "Nautilus" O «Nautilus» já não vai este ano ao Polo.

O explorador Wilkins, que tem andado a brincar aos Do X, vai apenas fazer estudos nas regiões polares.

O leitor conhece aquela historia velha e revelha do Calino que mandou o creado a casa buscar os olhos de que julgava ter-se esquecido mas que, encontrando-os numa algibeira antes do crea-

do partir, modificou assim a ordem primitiva:

—Vai lá depressa, mas não tragas os olhos porque já os encontrei.

Preto feito branco

Um medico inglez — conta a «United Press» —destingiu um preto pondo o tão branco como um branco assustado. Aquilo foi obra dumaz applicações electricas «num pequeno sitio das costas», diz a «United Press», mas a gente fica sem saber verdadeiramente qual foi o local do sinistro, como se diz em linguagem jornalística do «caso do dia», porque «um pequeno sitio das costas» pode ser muita coisa.

Em todo o caso já se fica sa-

bendo que a negrura do preto foi atacada á traicão. Se fosse pela frente, cara a cara, talvez o preto ainda estivesse preto e o medico sem fama e sem gloria, se visse reduzido, como alguns que nós conhecemos, a recorrer á consulta á farmacia, á Associação de Socorros Mutuos, ou agora mais modernamente, a fazer parte das juntas de Saude que são uma especie de refugio.

Estes são daqueles que não são capazes de fazer dum preto branco, embora sejam muito competentes para transformar um vivo num morto, porque misto das doenças ainda a gente ás vezes consegue escapar, mas do que ninguem se gabará é de escapar da complicação de sobre uma doença grave lhe sobrevir um dos tais Galenos.

Ao menos enquanto eles se

empregam em distinguir os pretos, não afrontam os brancos que lhe caem nas unhas. Venham mais pretos.

Anuncios Do nosso torneador habitual:

A FELECIDADE

Não é só feita da afeição que se dá e da que se recebe. Também é uma felicidade saborear a deliciosa manteiga de Espinho (meio sal) que se vende a 18 e 20 escudos o quilo, na «Taça de Ouro». É recebida diariamente e, portanto, muito fresquinha, para regalo dos seus clientes. Rossio, 114 e 115, ao lado do Francfort Hotel.

A arte do reclamo! A poesia ao serviço da manteiga! Que de maravilhas literarias não poderiam produzir-se no anuncio de certos productos...

Por exemplo:

A FELECIDADE

Não é só feita da refeição que se come e vice-versa. Também é uma felicidade, não sentir os encomodos dessa mesma refeição, o que se consegue ingerindo dois ou tres comprimidos de Carvão de Belloc, que se vende a tanto cada frasco. É recebido diariamente e portanto muito fresquinho para regalo dos seus clientes.

A gente lê um anuncio destes e fica logo tentado a adquirir a mercadoria, quer seja manteiga de Espinho, quer seja Carvão de Belloc. Ahahahah! Que alivio!

sempre
fixe

Expediente Não tem. Como jornal serio que é, não vive de expedientes. Em todo o caso cobra as assinaturas á razão de:

Continente e ilhas... { Ano: 26\$00
Semestre: 13\$00
Trimestre: 6\$50

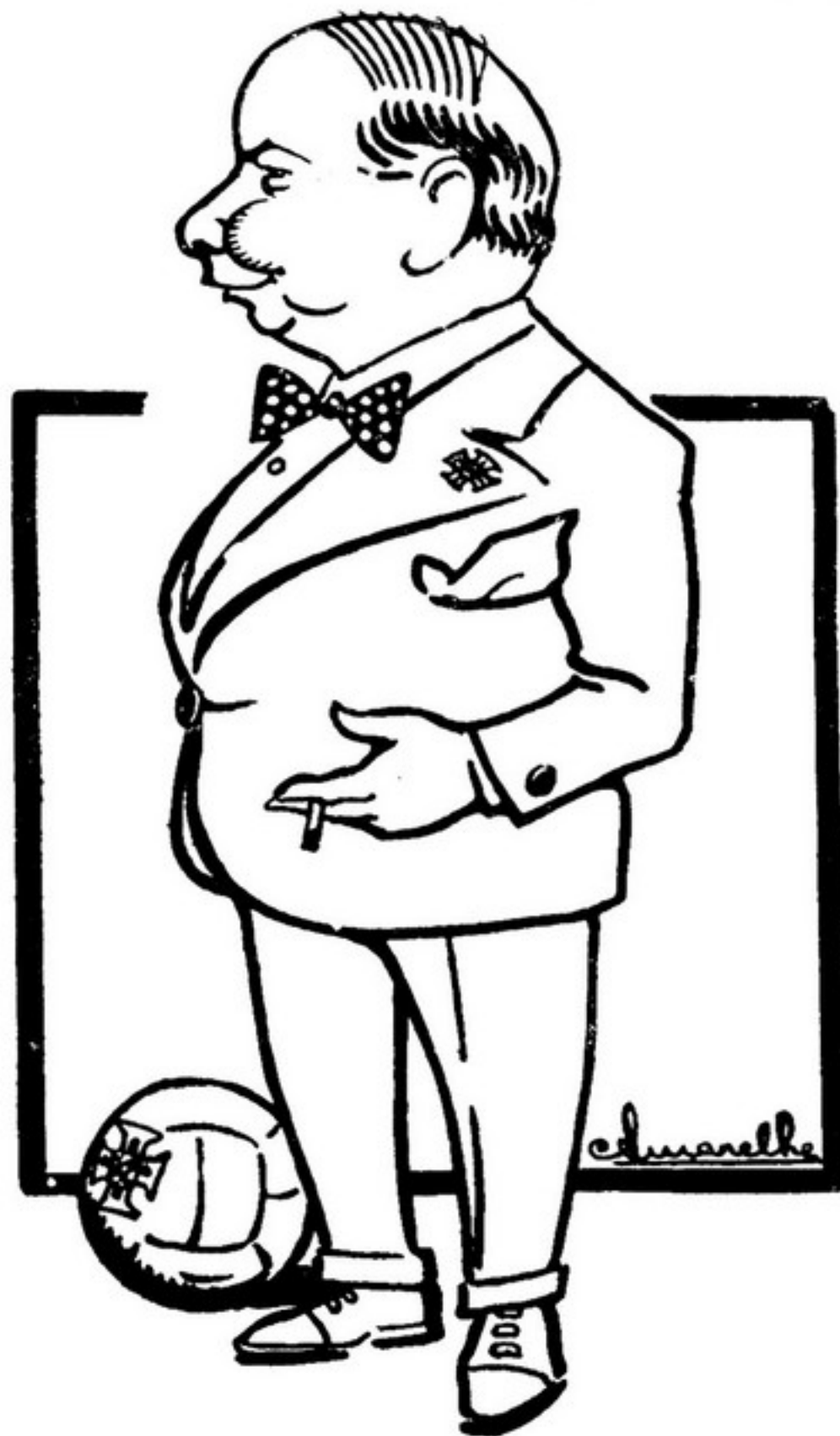
Colonias portuguesas... { Semestre: 15\$00
Ano: 30\$00

Estrangeiro... { Ano: 34\$00

N. B. — O nosso jornal não tem cobrador para as assinaturas. O leitor inteligente percebe logo que as mesmas são pagas adiantadamente.

Anuncios Isto agora, é, por tabela.

RAUL DE CAMPOS



Verdadeiro «sportman» e português ás direitas, o sr. Raul de Campos, presidente do Club de Regatas Vasco da Gama, é a alma desta esplendida organização desportiva cujo Estádio honra o Brasil. Amigo «fixe» de todos os portugueses, o «Fixe» saúda-o carinhosamente, envolvendo nessa saudação o Club que ele dirige e que tão bem «marcou» á sua passagem por Portugal.

THEATRO

«RETDOZ PRETO...»

Lucilia-Nascimento

INAUGUROU-SE esta semana a época de verão, no Trindade, com a comedia *Um beijo na face*.

Como são mais os personagens masculinos do que os femininos, se calhar andam aos beijos uns aos outros...



MAIS uma vez chegou a Lisboa o actor Rafael Marques, disposto a partir para o Rio de Janeiro.

Como ele tem a mania das viagens, não é capaz de chegar à ilha da Madeira e voltar...



DO *Diário de Lisboa*:

Um artista português recém-chegado do estrangeiro pretende estabelecer, para o próximo inverno, devidamente financiado, uma companhia para explorar o género operístico num dos nossos principais teatros.

Tudo se diz desbarbar com em Lisboa!



UMA revista que actualmente se representa em Lisboa e que conta a "modica quantidade" de 14 actores, vai ter agora mais um.

Parece que alguns versos que se dizem no prologo são de Augusto Gil!



ENCONTRAM-SE a banhos na Colonia Infantil da Cruz Quebrada o *Meninos de Ouro*.



PAMADA Curto está escrevendo para a época de inverno, no teatro do Trindade, uma peça, onde de certo meterá á laia de simbolo aquele rotundo e avantajado cedro da Praça do Rio de Janeiro que deu o nome ao romance agora publicado.

O papel de cedro será desempenhado pelo actor Chaby Pinheiro...



OS proximos campeonatos de bicicleta terão mais um concorrente:

E' o actor Seixas Pereira. Este distinto artista, que tem ido treinar-se para Carcavelos, conseguiu este record unico: só caiu 100 vezes, apenas deitou um predio abaixo e atropelou uma velha!...



Dois grandes nomes da scena portuguesa que esta noite vão novamente brilhar juntos, no Trindade, com «Um beijo na face...»

O Maria Vitoria, daqui por alguns meses, quando terminar o exito do *Viva o Jazz!*, meterá em cena a *Unha do Diabo!*

E' pena! Então a empresa, que tem sido tão simpatica para o publico, resolve agora meter a unha?!...



DO *Diário de Lisboa* de terceira, 4:

«Fez hoje anos o comendador Augusto Soares, director do teatro Avenida.»

Comendador ou encenador?



DO *Diário de Lisboa*:

«Pela primeira vez, numa companhia portuguesa de revista, irá ao Brasil, ainda este ano, um artista cantador de fados.»

No fim, se calhar, temos tournée pelo norte do Brasil. E' o que

vai suceder á Adelina Fernandes!...



DA *Republica*:

«Diz-se que o quadro novo da revista *O Canto da Cigarra*, a que antes nos referimos e que é igual a outro apresentado ha tempo na revista *Zabumba*, não pertence a qualquer dos autores destas revistas. Trata-se duma adaptação de uma revista estrangeira, tal como muitas vezes succede em peças daquele genero.»

Uff! Já ninguem pode ter ideias em Portugal!...



NUM anuncio da companhia Lucilia Simões-Erico Braga lê-se:

«José Gambôa, galã de raras qualidades...»

Mais abaixo:

«Prestes a ocupar um dos pri-

meiros lugares na cena portuguesa...»



CHEGARAM a Lisboa, vindos de Vigo, os artistas Armando de Vasconcelos e Carlos Viana.

Consta que os dois vão apresentar em Lisboa um numero sensacional de cantares gallegos...



AGORA, a proposito de tudo e de nada, as empresas teatraes oferecem aos artistas almoços, jantares e ceias.

Em vista disto, de futuro, os artistas serão contratados como as mulheres a dias: cinco mil réis por dia... e de comer!



A companhia Hortense Luz, embora esteja fazendo *Ramboia*, em Mocimboque, ainda não se dissolveu.

E' um caso unico nos annis do teatro português!



ERICO Braga, em virtude do exito do concurso da «Rainha das Costureiras», vai abandonar o teatro... pela linha!

Linha? Foi coisa que nunca lhe faltou!...

O HOMEM DE TODAS AS HORAS

MARIA SAMPAIO



a deliciosa Marquessa de Seide, da Bevera, que até parece uma marquessa a valer, apesar de andar agora a cantar o Ai-ló...

A menina talentosa

O cinema português está na Costa do Sol. E está de facto. E para que o leitor não duvide da veracidade desta frase já quasi sentença e que deve entrar em breve na colecção preciosa da «Sensaboria das Nações», eu vou contar uma historia que é a confirmação absoluta de que o celebre cinema português não aparece no ceram a mostrar-nos o que vale porque anda pela Costa do Sol, a tomar banhos e a fazer outras diversões exotistas.

Num *chalet* do Estoril, habita com sua familia uma pequena linda como os amores, como diriam os poetas histericos, que dá pelo nome prosaico de Clara Madeira. Ora a boa da Clarita só vivia para o cinema. A sua maior alegria se dá no dia em que um ensenador português a viesse convidar para fazer um filme. A creença da Clara Madeira pelo cinema era tanta que os rapazes do sitio até já lhe chamavam a Clara Fou. Ma, no Estoril não era só ela que sonhava com o cinema. Todas as pequenas que asilam pelo Estoril sonham em ser artistas do cinema e todas até já imaginam que se parecem com as estrelas da tela. Umias julgam-se Polas Negris, outras acham-se Claras Bows, estas pensam que são Alices Cecas, aquelas creem-se Lias de Putil, e lá vão vivendo contentes, estas mais Polas Negris do que aquelas, aquelas mais Claras Bows do que estas, e umas mais Lias do que as outras, todas elas, bonitas ou feias, imitam as estrelas preferidas, copiando-lhe os gestos e as atitudes.

Um dia, appareceu pelo Estoril um rapaz bonito, atraente, que vinha recular estrelas para fazer um grande filme português. Foi uma alegria naquella praia. Durante três dias ninguém tomou banho, só a pensar no futuro risinho que se lhes abria deante dos olhos. O pobre do realizador andava doido com tanta estrela futura atraz dele. De entre todas, no entanto, a que reunia mais probabilidades era a nossa Clara Madeira. O realizador lançava os olhos para a boa da Clarita e a Clarita já tinha perante os amigos uma superioridade evidente.

O filme que se ia realizar intitulava-se: «A Mãe». Para saber qua. das pequenas da Costa do Sol tinha mais qualidades, o realizador fez com elas varias experiencias fotogenicas. Acabadas as provas, veio o realizador para Lisboa e dele nunca mais houve noticias. Era mais uma oportunidade de fazer bom cinema que se perdia.

No entanto, a Clara Madeira ficou tanto a sério e com tanta boa vontade as provas fotogenicas para artista de cinema que, passados alguns meses e como compensação por não ter feito o ex-futuro filme, «A Mãe» era no entanto mãe...



O *caixeiro viajante*:— Como deve lembrar-se, executei todas as suas ordens a ultima vez que aqui vim.

O *director*:— Mas eu não lhe dei qualquer ordem!

O *caixeiro viajante*:— O senhor tinha-me dito para sair e eu cumprí imediatamente as suas ordens...

Triste fim

Carlos Nespereira — de sua graça — era um rapazote sem graça nenhuma que veio a este mundo apenas para arrelhar o autor dos seus dias. Começou a aprender o officio de barbeiro e acabou por tirar o curso de distribuição de cartas aos domicilios. Logo que foi dado a luz, como não chorasse na altura devida, a parteira pegou no seu corpinho tenro e meteu-o de cabeça para baixo, numa tina com agua fervente, mas por lapso deixou-o lá estar mais de quinze minutos e sucedeu o inevitavel: quando o tirou, já o desgraçado tinha os miolos cosidos, razão porque os memos estavam mais avariados que um aparelho de T. S. F. depois de ter sido atropelado por uma camioneta dos Correios.

Foi talvez por isso que os seus colegas da importante firma «Faz-te Sanóna e Verês» lhe chamavam o «Rôscá Moída», com o que nunca concordou, pois o rapazote não tinha cabeça em forma de rôscá, mas sim de martelo de carpinteiro de teatro! O Nespereira tinha queda para todas as artes em geral e para a das cocogas em particular, e o seu sonho dourado era ser o primeiro dos ultimos bailarinos e um grande e horrivel declamador. No estabelecimento de barbearia onde o pai ainda hoje socio honorario, era cognominado o «Aberto Singerman da Pampulha», sitio onde morou e no qual tem um lapide com letras... aceites a trinta dias, de-se o dia do funeral que foi e pèras e digno da arvore genealogica dos Nespereiras!

O pai Nespereira, que é um consagrado barbeiro e um bom autor dramatico, tendo até já o projecto em cimento armado duma nova revista em 8 actos e um quadro, descobriu, no fim de muito tempo, que os miolos do rapaz não só estavam cosidos, como tambem deteriorados, como se fossem chouricos de sangue expostos numa montre durante dois anos.

Começou a fazer-lhe o tratamento dum xarope de marmeleiro

fricções de cavallo marinho, mas os resultados não foram satisfactorios. O «Rôscá Moída», estupidito por natureza e por convicção, embora não prestasse para coisa alguma, era tão prestavel para os colegas e superiores que o seu falecimento deixou uma vaga difficilissima de preencher: a vaga da incompetencia! Culpa dele? Talvez não, pois ha bestas que não caminham logo sem que as puxem primeiro e o pobre «Rôscá» nunca foi premiado com alguém que o puxasse.

Faleceu antes de ir ás «sortes», o que foi uma grande sorte para a familia e até para o medico que vinha de examiná-lo. Morreu estupidito até; morreu como tinha vivido. Eu conto: Ha já bastante tempo que o infeliz vinha lutando com difficuldades financeiras, dando até a impressão de trazer na carteira o «Darmstadter und Nationalbank», de Berlim, e a propria Alemanha inteira no bandulho. Ora como a sorte sempre foi má com elle, sugeriu-lhe a ideia de organizar a seu favor uma festa de caridade num dos theatros da capital. Se mal o pensou, pior o fez. Convidou certo *benemerito* e pseudo revisteiro a organizar o espectáculo, que teve lugar sentado no dia 2 do corrente. Atendendo ao fim a que se destinava o produto da recita, conseguiu obter graciosamente cenarios, guarda-roupa, carpinteiros e a colaboração de varios artistas profissionais. Casa á cunha, mas á noite, feitas as contas, apparece-lhe um saldo negativo de três mil e tantos escudos.

O organizador entendeu, e muito bem, que a caridade bem entendida deve começar... para nós e que quem trabalha de borla é um asno chapado, e ficou com a massa toda sem ter dado nenhuma satisfação ao pobre do «Rôscá Moída», que acabou por ser viti-ma duma congestão pulmonar, visto a cerebral lhe ser interdita!!

ROCIX.

O Concurso das Costureiras



— Meu querido manequim: se eu tivesse uma carinha como a tua, era eleita rainha!

Graça dos outros

— Quem teria inventado o trabalho?

— Não sei, mas quem quer que fôsse, podia já ter começado a acabar com ele...

* * *

— Quere então ter a honra de ser meu genro?...

— Não é isso precisamente, minha senhora, mas não poderei evitá-lo, uma vez que case com sua filha...

* * *

Num exame:

O *professor*:— Qu'as são as nossas melhores colonias?

O *peixe*:— As... colonias de férias...

* * *

O *filho*:— Nunca mais brinco com aquele rapaz!

A *mãe*:— Porquê?

O *filho*:— Porque o pai dele vende oleo de fígado de bacalhau...

* * *

Entre amigos:

— Que tal este Dunhill?

— Faz fogo logo á primeira!

— Para bom «acendedor», meia palavra basta!...

* * *

— O que fazes tu?

— Ajudo meu pai no seu officio!

— E o que faz ele?

— Nada!...

* * *

Fazendo as malas:

— Fechei a mala e não encontro a chave!

— Não estará lá dentro?...

* * *

Ela:— Sr. doutor, pique-me num sitio onde não se veja a vacina!

Ele:— Só se fôsse na boca!

Ela:— Ai, não, sr. doutor. Sou cantora de opera...

* * *

Numa chapelaria:

O *freguês*:— Queria um chapéu elegante, para ficar á moda!

O *caixeiro*:— A' moda?!... Então, tem que andar sem chapéu...

* * *

Ele:— Serias capaz de te casar por dinheiro?

Ela:— Conforme. Quanto tens?...

* * *

O *amigo*:— Tens uma linda enfermeira!

O *doente*:— E' curioso! Ainda não tinha reparado!

O *amigo*:— Não julgava que estavas tão doente...

* * *

No *restaurant*:

O *freguês*:— Traga-me uma colher de sopa!

O *criado*:— Não posso! Não tenho tempo! Mexa-a com o dedo, que não está assim tão quente...

* * *

Na vizinha Espanha:

O *pescador*:— Então, sempre vais repartir a terra entre os lavradores pobres?

O *fazendeiro*:— E tu podes repartir o mar?...

* * *

Epilogo duma conversação:

— Fulano é tão mentiroso que nera mesmo podemos acreditar o contrario do que ele diz!

Evaristo da Gloria

Confidencias:

—A minha sogra vem vêr-nos dois meses em cada ano!
—Que felicidade!
—Não o creias! Fica conosco seis meses de cada vez...

* * *

Entre amigas:

—A vida está cada vez mais cara. Sai de casa com cem mil réis e volta sem cinco tostões.
—E' possível!
—E! Perdi a mala de mão!...

* * *

Na rua:

O médico: —Dá-me uma esmo-lacha?
A generosa: —Tome lá um tostão... para que não o veja mais com a esmo-lacha!

* * *

A bordo:

O passageiro: —Nunca enjoou, não?
Ela: —Uma vez, quando lavei os dentes.

* * *

No restaurant:

O freguês: —Que cara que está a comida!
O criado: —Não admira; é por causa dos transportes!
O freguês: —A que eu comi veio m' enche-cama?

* * *

Numa mercearia:

Isto é uma pouca vergonha! Então os senhores põem um letreiro: *Oros do dia* e eles são todos pobres?
Repare que nós não dizemos *o que dia são*...

* * *

—De medo que a menina está nova de meu filho! Porque não me disse?

—Cheguei a pensar nisso, mas gosto mais de seu filho...

* * *

Num restaurant:

Ele, ingenuo e inexperiente: —Esta cadeira está livre, minha senhora?

Ela, com o melhor dos seus sorrisos: —Sim... também está livre!

* * *

Na Africa:

O indigena: —De maneira que foram os senhores que nos trouxeram a civilização?

O branco: —Ainda duvidas! Então quem os ensinou a bailar o charleston?...

* * *

Entre amigos:

—Porque não fez ontem a sua "nunciada conferencia sobre a "Liberdade Individual"?

—Porque minha mulher não me deixou sair de casa...

* * *

O director do jornal:

—Para a outra vez, traga-me o original escrito á maquina!

—Então o senhor julga que, se eu soubesse escrever á maquina, fazia versos?...

* * *

O médico: —A senhora padece de dores de cabeça, ataques biliosos... Que idade tem?

Ela: —Vinte e quatro anos!

O médico: —Tambem padece de falta de memoria!

Tac-Tac-Tac

Refere um jornal da manhã que um medico inglês, o dr. Haydn Brown, acaba de descobrir um aparelho para medir a intelligencia

Até que enfim! Meu querido dr. Brôa, até que enfim! E's um verdadeiro santo, Brôa! Beijo-te as pestanas comovidamente.

(A proposito, lembra-me que tive um amigo que, sempre que ouvia esta palavra comovidamente, ou comovido, desatava a mover-se na cadeira em que se sentara.

Mas porque beijo eu as pestanas do dr. Brôa?...

Porque dizem-me as gazetas que ele descobriu o que eu ha muitos anos andava a reclamar do besturto dos sabios: o *intelectometro*.

Fui eu, efectivamente, o escritor contemporaneo que mais se esforceu pela propaganda desta ideia: a descoberta do *intelectometro*.

E para qué? Sim, para que fins suspeitos ou perversos querias tu com tal empenho, o Cirano penca-larga, descobrir esse aparelho tão esquisito?...

Para demonstrar á evidencia que a maioria dos teus compatriotas é profunda e sinceramente estúpida?... Mas isso, se não é verdade já fisiologicamente reconhecida, pelo menos é suspeita que anda a fermentar no animo de toda a restrita melia duzia de pessoas que, entre nós, é sufficiente e honestamente intelligente...

—Era para isso?

—Não!

—Pra que era então?

—Era para pôr em pratica a minha grande medida de saneamento moral da *Urbis*, desta amada e mal perfumosa Lisboa: —o estabelecimento duma policia especial que a todo o individuo que encontrasse á solta pelas ruas, medisse o frontespicio, a vér se encontrava os tais já por mim tanta vez falados *dois dedos de testa*, na falta dos quais deveria ser prohibido circular em escape livre por essa capital fóra.

As vantagens da criação desse

corpo de policia científica são obvias, manifestas e perfeitamente temperadas, o que neste tempo de calor é muito para considerar.

Mais um corpo de policia, menos um corpo de policia, pouco faz ao caso. Eu até conheci um guarda civico (bem meu amigo, por sinal) que costumava afirmar, batendo heroicamente com a mão espalmada no peito:

—Um policia não tem corpo!

O que é evidentemente incontestavel é que seria de todo o ponto salutar e interessante essa policia de *élite*, vestida elegantemente no *Marques*, ou no *Amieiro*, de luva de camureca amarelo-canario, dirigindo-se ao transeunte:

—V. ex.ª dá-me licença?

—Entre, cavalheiro.

—Não é para isso. E' para lhe pedir que tire o seu chapéu.

(Ao Canelas escusava, porque não usa chapéu.)

O transeunte tirava o chapéu: e o *guarda-gentleman* applicava-lhe á testa uma minuscula e elegante cabeçada: —o *intelectometro*. Lia na escala a indicação:

—Dois dedos e meio...

Descobria-se, curvava-se, e gentilmente:

—Queira v. ex.ª seguir. No Terreiro do Paço lerá v. ex.ª espaço para escrever o seu intellecto...

Mas, se não chegasse aos dois dedos:

—Onde mora?

—Tal parte, n.º tantos, cave, esquerdo.

—Então, *cave*, direito para casa, que não tem direito de andar na rua em liberdade.

E escusava a gente, assim, de ouvir e vér tanta asneira. Agora o que eu mais ambicionava era medir a frente bifronte do sr. Quirino Avelino.

Estou muito desconfiado que a sua tão apregoada intelligencia não passa duma grande velhacaria...

Mas, sem que cá chegue o *intelectometro*, nada se pode afirmar, ao certo.

CIRANO DE VELHOFRAC.



—Tanto cantaste que a Satanela te poz a dançar e acaba por te matar..

Razão de peso...

Embora isso seja contrario aos seus habitos, o Evaristo não poudes ha dias deixar de ir a uma festa familiar para que o convidavam.

Enxergou o seu uniforme de gala com sapatos de polimento e gravata de risquinhas e, pas-ados momentos, ei-lo o mais aborrecido possível, no meio de duas ou três dezenas de pares que se divertiam, ou fingiam fazê-lo.

Dançava-se, e o Evaristo não sabe dançar.

Tocava-se e cantava-se, e o Evaristo é surdo como uma porta ondulada.

Aborrecido, admiradissimo até de que houvesse gente que perdesse o tempo em tais consaborias, o Evaristo foi abrigar-se á protecção acclibedora do vão dum janela.

Eram três horas da madrugada o nesso amigo, com a mesma alegrissima cara de quem vela um cadaver de parente proximo, pensava com saudade na sua cama estilo D. João V e na sua casa estilo 5.º andar.

E como quere a sorte que em todos os infortunios se tenha um companheiro, em breve lhe veio fazer companhia um outro cavalheiro que parecia como ele aborrecidissimo com todo aquele simulacro de bacanal romana e que olhava em redor com mostras de enfado, aliás justificadissimo.

O Evaristo tentou então consolar-se das suas maguas com a lembrança das maguas alheias. E, acercando-se mais do colega de desditas, aventurou a pergunta:

—O senhor não acha que isto está aborrecidissimo?

—Um bocado! —concordou o cavalheiro.

—Confesso-lhe mesmo que nunca estive em casa de gente tão sensaborona! —continuou o Evaristo.

—E' possível... —corroborou o visinho.

Nesta altura, o Evaristo, já resolvido a ir-se embora, tanto mais que o seu «Longines» já não ia longe das 5 horas, aconselhou o companheiro:

—Porque é que o senhor não faz como eu, que me vou retirar?

O cavalheiro teve então um sorrisinho ironico e explicou:

—Não posso! Infelizmente, não posso, porque sou o dono da casa!

A. N.



—Maria, você deixou fugir o meu «Lenine»?!

—Que quere a senhora: á saída da porta estava um cão-pollcia!...

—Né ha, ó gente, oh não, Luar como este do sertão! E neste mundo com certeza que não ha Uma bebida como o nosso Guarandá...

E' preciso lutar contra a crise

Presentemente, a falta de dinheiro é uma coisa acessível a toda a gente. Para mim, a simples ideia duma nota de mil escudos é muito mais esmagadora do que a descoberta estragante do camião marítimo para a Índia e, se por milagre tenho conhecimento de alguém que possua essa quantia, classifico-o simplesmente de fenómeno para exhibir nas feiras, e não penso mais nisso.

A's vezes, a falta de dinheiro obriga-me a olhar a frio para a hipótese do suicídio, mas depois reconsidero e chego à conclusão que, para quem quer morrer, qualquer vida lhe serve.

Nos momentos de maior desespero ha uma coisa que me sorri bastante: a esroquerie! A fatal esroquerie, fóra quanto possível do alcance da policia.

Eu não acredito que não haja maneira de fazer burlas à margem



do código. Deve ser uma questão de imaginação e de aturado raciocínio.

Pois claro! Para que serve um cérebro bem constituído e formado em direito como o meu?

Ultimamente, depois de pensar muito, consegui desarrincar um processo que me parece genial. Tratava-se de pôr de vez em quando no jornal um anúncio redigido mais ou menos nestes termos:

ANEL com brilhante grande, perdeu-se. Dão-alriças sem competência, na rua tal.

Talvez um dia, lá fossem a casa levar-me um anel; quem sabe? Talvez pegasse.

No caso de obter um resultado satisfatório, eu poderia mesmo ampliar o negocio e formar a Sociedade Anonima do Anel com Brilhante Grande Perdeu-se...

TIMPANAS.

Quereis dinheiro?

Jogai no

Luna

Rua do Amparo, 51 — LISBOA

Sempre sortes grandes



— Tu gostas muito de aves, com certeza.

— Como adivinhaste?

— O teu marido parece um pagalo...

O milagre

Maria Isabel não era, decididamente, das raparigas mais felizes.

Tinha, na verdade, um palmo de cara gentil, mas as coisas pareciam ter-se encaminhado para a deixar para tia—como sei dizer-se.

Nunca tivera um namoro, apesar de todos os *trucs* que para isso usou; nunca um homem lhe fizera a corte, embora as constantes olhadelas que lhes deitava.

Ia a um baile, e era fatal que todas as raparigas dançavam... menos ela.

Ia para as praias, e todas tinham um *flirt*, menos Maria Isabel.

A que atribuir esta infelicidade da cachopa? Ninguém o sabe. Nem ela propria que, pobresinha, se esforçava por quebrar o enguiço.

O certo é que a sua mocidade ia fugindo e como, difficilmente, uma mulher se casa depois da passagem pela casa dos vinte e cinco, Maria Isabel ia perdendo, pouco a pouco, a esperança de conhecer o matrimonio. Mas, catolica, temente a Deus, a fé religiosa deixava-a entrever a esperança de realizar um dia os seus desejos, alias naturalissimos.

Ela fóra com a mãe passar o verão a uma casita da aldeia, propriedade sua.

Longe do bulicio da cidade, os seus desejos de casamento aumentaram, como engrandeceu a sua fé em Deus.

E uma noite, ao deltar, Maria Isabel ajoelhou-se ante o oratorio e pediu a Deus o milagre de lhe conceder um homem. Pediu-o com tanta fé que—não lhe restava duvidas—Deus ia atendê-la.

No dia seguinte, de manhãzinha, quando Maria Isabel abriu a janela, viu na frente da sua casa um regimento que para a aldeia tinha ido em manobras.

Louca de alegria, Maria Isabel ergueu as mãos ao céu, exclamando:

— Obrigado, meu Deus! Obrigado, meu Deus!

Cacharolete

Um dia, o Erico Braga foi trabalhar a Pombal, e levaram-no a jantar a um lugar divinal que ficava a umas léguas da risonha povoação tendo apenas a tipoia para comunicação.

Braga vai á bilheteira e diz ao seu empregado que precisa de saber, para jantar socegado, quantos centos de mil réis forem sendo recebidos, para saber, de certeza, quantos lugares tem vendidos,

Entre a sopa e o bacalhau, sóa o primeiro sinal: o estampido estralejante dum foguete jovial; o segundo é ao assado, e o terceiro á sobremesa, e o nosso Erico, inquieto, nem já sabe estar á mesa.

Vem em seguida o café, e uma girandola seguida faz exclamar ao Erico: — Temos a casa vendida! Mas ao chegar a Pombal, que triste desilusão! Tinha ido a bilheteira pelos ares, com uma explosão...

O HOMEM DOS TIMBALES.

Anedoctas

O empregado dos correios:— A senhora pôs selos a mais nesta carta!

Ela:— Não faz mal! E' para chegar mais depressa...

Ela:— Porque dias sempre corda ao relógio depois do almoço?

Ele:— Porque o medico me mandou fazer exercicio depois das refeições...



— São todos republicanos, mas em vendo uma rainha aderem imediatamente.

Noticias do dia

Quadrilha a contas com a policia

Realizou-se ontem, num club elegante, um baile que decorreu animado. Um dos numeros de maior exito foi uma quadrilha dançada por todos os presentes. A certa altura, por um motivo futil, envolveu-se tudo em desordem, pelo que teve que intervir a policia. A zaragata, que teve origem num passo mal marcado, liquidou-se com honra para ambas as partes porque a policia fez contas com a quadrilha, dando no fim tudo certo.

Acção pouco recomendavel

Apresentou queixa na policia o industrial José Lamelra Funcheira d'Oliveira contra o seu colega Vitor Menano Serrano Portulano, que na rua, quando outro dia se encontraram, não lhe es'endeu a mão. Esta acção, que não é nada recomendavel por ser maliciada, vai ser severamente punida, pelo que o Vitor Portulano já assinou o seu pedido de demissão.

Entalado entre duas peças

Recebeu tratamento no banco do Hospital de S. José o conhecido empresario Julio Rey, que ontem, quando chegou ao teatro, ficou entalado entre duas peças que dois novos autores lhe foram oferecer. Fim do tratamento, o empresario recolheu a casa, sendo as peças entregues ao popular escritor Paulo Barbosa, para delatir também uns escudos para ele como direitos de autor.

O novo projecto da Constituição

Abre brevemente na Escola Nacional de Belas Artes a exposicão dos projectos da nova constituição. Concorreram a este concurso bastantes architectos.

As obras da nova constituição devem começar dentro de poucos dias.

Banco que quebra

Ontem, em casa do marceneiro Luis Ventura, quebrou-se um banco que ha já alguns dias ameaçava partir-se por ter uma perna muito avariada, por motivo do banco ser diabetico. Quando o banco caiu, as pessoas que se encontravam em casa começaram aos gritos. A queda do banco originou uma verdadeira corrida de vizinhos que foram acudir. A quebra, deste banco deve ter uma séria repercussão na bolsa do dono do banco, pois terá que comprar outro.

HORACIO NOVAIS



um misto que já é agente na arte da fotografia — que não é tão facil como parece a muitos...

O NOSSO CONCURSO

Parodia á quadra premiada no Concurso do "Diario de Lisboa"

Tenho uma nodoa no peito
Que hei de mostrar ao meu Jorge.
Se calhar é deste geito
De trazer soufflé-gorge.

Raul.

Senhor! Mas que insolência,
Que insolência e que mau pago,
De quem fez tamanho estrago
No peito de Vosselencia!...

Dantes.

Que noção no meu peito
Clara de dor e cansaço.
Dê-me um abrigo a seu geito,
E abriga-o no teu regaço.

G.J.

Quem me dera ser aquele
Que dorme no teu regaço
Mas depois de acordar
Saber quem sinte o cansaço.

Depressado da Sorte Feminina.

Tenho uma nodoa no peito?
E não sei que assim seja!
E não sei a nodoa é outra,
Mas não na minha.

M. Taíha.

Eu tenho uma nodoa no peito
Estando mesmo a dar Tridoi,
E não mais atribuo ao geito
De dormir sempre encolhido.

Luis Seixas.

Tenho uma nodoa na boca,
Uma nodoa e um mau gosto.
Que foram, minha louca,
Da vida que tens no rosto.

Armando.

Tens uma nodoa no peito?
Isso dá-me que cismar.
Será de estares á janela
Toda a noite a namorar?

Andrelina Roque.

Quem é que fez essa nodoa?
Quem será o malandrão?
Dantes gostava de ti;
Agora, com nodoa, não!!!

J. Oliveira.

Tenho uma nodoa nos dedos,
Uma nodoa e um arranhão.
Que me ficaram do geito
De te levar pela mão.

José Ferreira Lucas.

A nodoa que tem no peito
Não foi daquilo que julga...
Cá p'ra mim dá-me o efeito
De mordidela de pulga.

Alda.

Tenho uma nodoa no peito
E varias arranhaduras.
Que me ficaram do geito
De te beijar ás escuras.

Francisco Manoel.

Tenho uma nodoa no peito,
Uma nodoa e um cansaço,
Que me ficaram do geito
De dormires no meu regaço.

De 386 quadras que recebemos, o juri apartou 34, não atribuindo a nenhuma o primeiro premio. Não quiz o juri, que foi constituido pelas mais altas competencias literarias e humoristicas, arcar com as responsabilidades de premiar uma quadra, tão certo estava de que, se o fizesse, havia de sofrer os rudes ataques dos concorrentes desiludidos, como é costume no nosso pais.

O publico é que vai ser o juiz deste pleito.

Ai vão as 34 quadras seleccionadas para que os nossos leitores lhes dê o seu voto, enviando-nos, coladas num bilhete postal, as quadras preferidas, recortadas do «Sempre Fixe». Para esse efeito se estabeleceu **dois primeiros premios**, um para a mais humoristica e outro para a mais lirica, devendo portanto cada eleitor — eleitor é o termo, demais a mais em vespersas de eleições — enviar-nos duas quadras, pelo menos, com a indicação da respectiva classificação.

E assim, quem mais votos obtiver do publico, que é o grande juiz, é que se lambe com os primeiros premios. E ninguém terá razão de queixa.

As quadras que alcançarem um numero de votos imediatamente inferior ás premiadas, terão os premios seguintes.

Feita a votação do publico, publicaremos a lista dos premios.

E já agora que estamos com a mão na massa, sempre diremos que ter graça como a de algumas quadras que recebemos, é facil. Quando não façam rir, provocam pelo menos o vomito. Essas foram todas classificadas em primeiro lugar para o guano. Em compensação lamentamos não nos ser possível publicar algumas, por outras razões, como por exemplo as que vinham assinadas «Imprensa livre».

E agora é esperar a voz do povo que é a voz de Deus.

Se era em baixo, no regaço,
Que dormia esse sujeito,
Não pode ser disso a nodoa
Que a senhora tem no peito.

Paulo.

Dizem que agua tudo lava.
Mentira; deixem falar.
A nodoa que em ti ficou
Não ha agua p'ra a tirar.

Atépe.

Não acho de boa norma,
Sem ter de quê, ter cansaço.
E as que dormem na fôrma,
Outros dormem no regaço.

Manoel Fulgencio.

Tenho um cartorio no peito,
Com 'scrivão e oficial,
Que me ficaram do geito
De ser Ré no Tribunal.

Antalmaç.

Tenho uma covã no leito
Do peso deste cansaço
Que sinto, quando me delto,
De vida amarga que passo...

Alexandre de Matos.

As penas deste meu peito
Dão-me pensar e cansaço;
— Maria, tira-as com geito
E acolhê o teu regaço.

Fernando Fortunato Alves.

Tens umas nodoas no peito
Tão negras, que até receio
Que vejam que têm o geito
Dos biquinhos do teu seio.

Antonio da Costa.

A nodoa que tens no peito,
De que te dizes cansada,
Tanto pode ser do geito
Como da pulga assanhada.

Elciado.

Tenho uma nodoa no peito
Uma nodoa e um rasgão.
E vou ficar sem contrato
Até ao fim deste verão...

Um actor desempregado.

Tens uma nodoa. Pulqueria?
Não fiques entristecida.
— Ha muita menina séria
Com nodoas na sua vida...

Simplicio Paccio.

Tenho uma nodoa nas costas
Uma nodoa e um vergão,
Que me ficaram do geito
De dormir sempre no chão.

J. J. do C.

Tens uma nodoa no peito?
Se por acaso não mentes,
Dá-lhe benzina com geito,
Qu'ela sai e tu não sentes.

Maria Filomena.

Receite a essa menina,
Mal que essa menina tope,
Para a nodoa — gazolina,
Para o cansaço — xarope.

Folião de Todas as Horas.

Tenho uma nodoa no peito,
Uma nodoa e um cansaço,
Vê se apertas com mais geito
Quando me dères outro abraço.

César.

Tem uma nodoa no peito?
Não acredito, meu bem.
Que você tenha uma nodoa
Numa coisa que não tem.

Gregos e Troianos Portugueses.

Tens uma nodoa no peito?
— Não fiques esmorecida!
Mais vale a nodoa que tens
Do que uma nodoa na vida.

A. Esse (filho).

Em resultado do geito
E força com que te abraço,
Trago um cansaço no peito
E uma nodoa em cada braço.

Amel-te, por seres perdida,
Mas agora olha o efeito:
A nodoa da tua vida
Faz-me uma nodoa no peito...

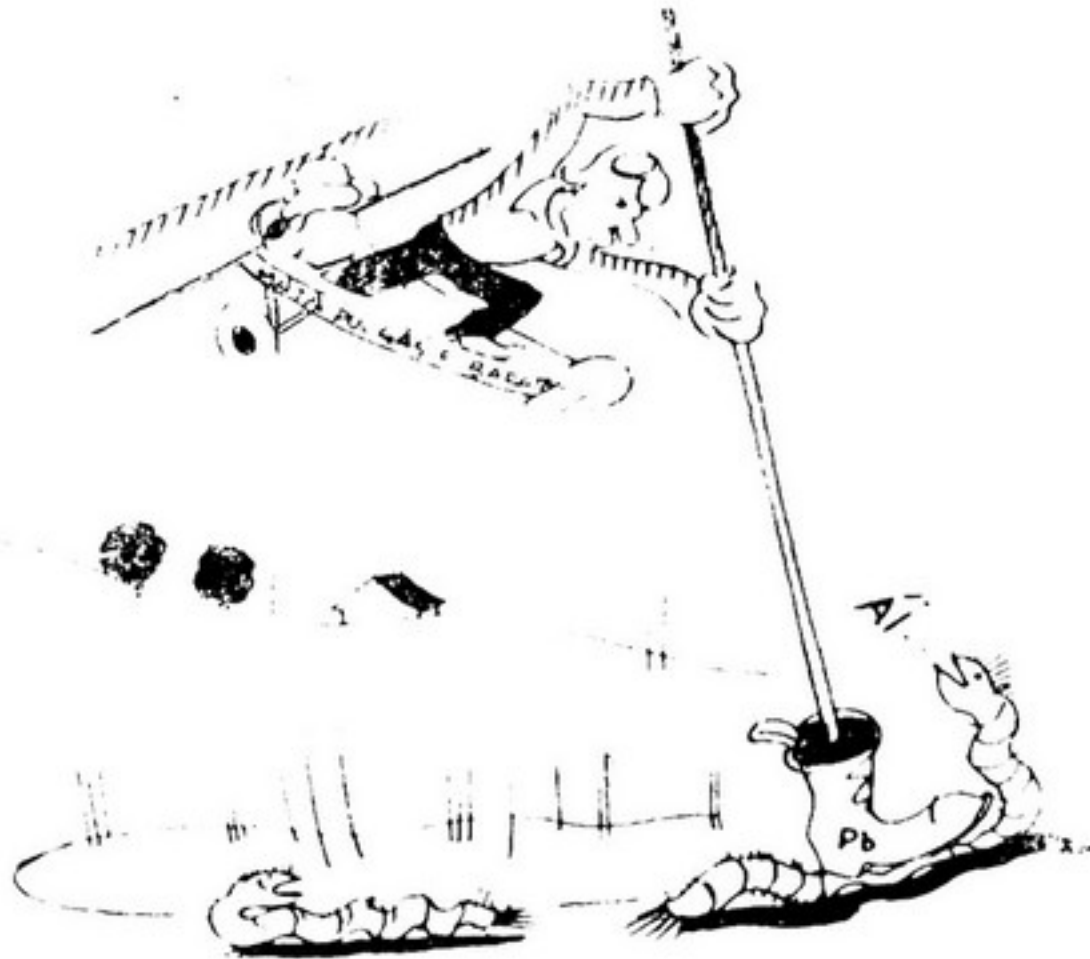
Xico.

Tens uma nodoa no peito
E outra na palma da mão
Que te ficaram do geito
De trazeres as mãos no chão.

Éne El.

HOJE SEMANA

O AVIÃO "MATA PULGAS E BARATAS" CAÇANDO LARVAS NO RIBATEJO.



COM TAMANHA RIQUEZA SACRA...POBRE DO SACRO

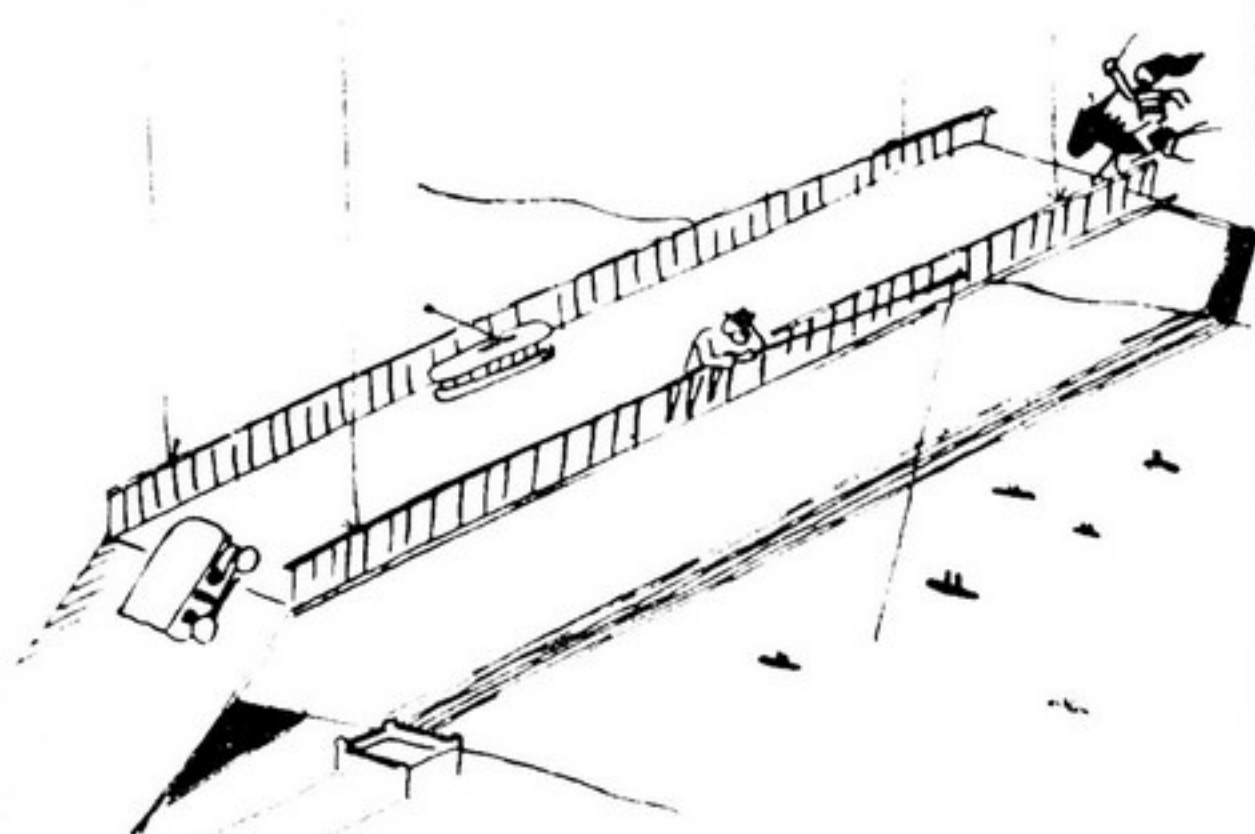
INQUISIÇÃO? NÃO SIMPLEMENTE O CONEJO DE NEW-BEDFORD QUE ARRANCA AS LINGUAS AOS PORTUGUESES E AS SUBSTITUE POR AMERICANAS



A PONTE SOBRE O TEJO - A HESPAÑHOLA - SERÁ PRESA AO FIRMAMENTO PELO QUE FICARÁ MUITO FIRME.



PARA AGRADAR AOS PAIS ESTUPIDOS E BESTAS ABESTA DO "PARECEMAL" BEIJA-LHES OS FILHOS



A LUCTA NA PROVINCIA CONTRA O ANAL FABETISMO PELO CINEMA DO NORO...

COM VISTO AO LEITÃO DE BARROS

